

## **PROFESSOR, ALUNO E ESCOLA: ENCONTROS E DESENCONTROS DESSA RELAÇÃO**

### **Autora:**

Crécia de Faria Morais  
Universidade Católica de Brasília – Brasil  
cresciamorais@hotmail.com

### **Coautora:**

Maria da Glória Alves de Oliveira  
Universidade Católica de Brasília – Brasil  
glorianegra2@hotmail.com

### **Resumo**

A avaliação do professor pelo aluno pode contribuir de forma significativa para a melhoria das decisões do processo de ensino e aprendizado. O presente estudo aborda a possibilidade de transformação do ato educativo do ponto de vista do aluno da 7ª série do ensino fundamental de escola pública. O objetivo é discutir os resultados da avaliação pelo aluno da tarefa de educar, do relacionamento com a Direção e com a instituição escolar. O instrumento metodológico foi o questionário, cujas respostas foram analisadas conforme a Análise de Conteúdo de Bardin. Concluiu-se que, na visão do aluno, falta aos professores a habilidade do afeto, do respeito mútuo, da solidariedade e do dinamismo ao desenvolverem seus projetos pedagógicos.

Palavras-chave: Educação. Ensino. Relação professor-aluno.

## **INTRODUÇÃO**

A construção do conhecimento deve ser leve e prazerosa, reacionária às tendências passivas, intelectualistas e verbalistas da escola tradicional. O conhecimento é o responsável pelo equilíbrio existencial, pelo sucesso e pela emancipação humana. A escola deve então concentrar-se não só em preparar o sujeito para o ingresso no mercado de trabalho, mas também estimulá-lo ao prazer de compor uma música, de visitar uma exposição de obras de arte, de fazer um passeio para ter contato com a natureza, o que pode livrá-lo da fadiga da rotina. Alunos queixam-se de que a escola não tem sido o lugar onde eles aprendem a

privilegiar suas necessidades humanas de amar, brincar, conviver, refletir, conversar. Considerar o aluno como um ser relacional que vive em comunidade e compreendê-lo de forma amorosa são pré-requisitos da atividade de ensinar. Por isso, sentimo-nos motivadas a desenvolver esta pesquisa, conduzindo o olhar para alunos da 7ª série do ensino fundamental, envolvendo-os na transformação do ato educativo, ouvindo-os, levando-os a pensarem por si mesmos, a terem horizontes próprios, a acreditarem em si, a soltarem a imaginação.

Através do amor, da alegria de estar presente entre eles, incentiva-se a autonomia do aluno, permitindo que pergunte, opine e estabeleça uma relação de afeto e de confiança. No entanto, a maioria dos educadores confessa-se frustrado, não sabendo como fazer para conduzir o educando a um desenvolvimento emocional sadio. Há uma interação negativa entre ambos, um debate de ideias que antagoniza e distancia. O professor culpa o aluno e o aluno culpa o professor, o que serve de impedimento para que o professor perceba o reconhecimento e o aluno aprenda. Este é o motivo que nos leva a sair da zona de conforto, do interagir com o conhecido para, através de trocas de informações, verificarmos o que está faltando na realidade do aluno para um maior comprometimento com a educação. Interesses, valores, expectativas, crenças pessoais, tudo se interpõe quando se busca a eficácia de uma ação transformadora. A realidade está em constante movimento, dialogando e estabelecendo relações.

O problema ao qual se busca resposta está caracterizado por: como transformar a educação do ponto de vista do aluno da 7ª série do ensino fundamental de uma escola pública de Brasília/Distrito Federal?

O objetivo geral deste estudo é investigar se, do ponto de vista do aluno da 7ª série, as metodologias de ensino-aprendizagem adotadas pelos professores e gestores da escola pública estão voltadas para uma prática educativa autoritária ou para uma prática educativa emancipatória e democrática. Em termos mais específicos, esta pesquisa pretende:

- Avaliar as contradições presentes no contexto aluno, professor e Direção do ponto de vista do aluno.
- Investigar como o aluno quer se relacionar com os professores.
- Verificar se o aluno de 7ª série é capaz de apontar soluções em direção à construção de um projeto educativo inovador.

Nos caminhos metodológicos, optou-se pela pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo, utilizando-se um questionário com questões abertas e uma fechada analisando-se as respostas com base na Análise de Conteúdo.

Para facilitar a compreensão do encadeamento lógico do estudo, apresenta-se a seguir a estrutura que o compõe:

No capítulo 1, são discutidos os aspectos referentes à fundamentação teórica que sustenta a pesquisa.

O capítulo 2 ocupa-se da metodologia da pesquisa, o contexto em que ela aconteceu, a descrição dos sujeitos e da coleta dos dados.

O capítulo 3 é dedicado à análise dos dados colhidos, reunindo as respostas semelhantes.

No capítulo 4, são analisados os achados da pesquisa perante a teoria e, no capítulo 5, rumo à finalização, apresenta-se as alternativas para a construção de uma educação pública cidadã, emancipatória e de qualidade para todos.

## **1 REFERENCIAL TEÓRICO**

As categorias teóricas centrais do estudo foram fundamentadas principalmente nos pensamentos de Paulo Freire (2006, 2008, 2011), educador brasileiro que acredita na politicidade da educação e no seu poder emancipatório. A leitura de Edgar Morin (2000) contribuiu para entender os desafios que a escola precisa enfrentar para formar um cidadão. Cabe ainda destacar as contribuições do pensamento de Maturana (2002), estudioso do comportamento humano.

O mestre Paulo Freire já ensinava em suas aulas que a educação é um processo de libertação e transformação. Desta forma, a sala de aula, como cenário educacional de natureza complexa, socialmente construída e reconstruída em função das relações que se estabelecem entre o professor, o aluno e o conhecimento, precisa ser compreendida como um microcosmo, como um espaço de libertação e transformação.

Segundo Moraes (2008), não adiante renovar o sistema ou criar programas institucionais se não for renovada a maneira de pensar e de significar os problemas. É preciso renovar o pensamento humano e abrir o coração para melhorar a responsabilidade social, a habilidade de trocas, de solidariedade e desenvolver projetos coletivos. Para tanto, o educador precisa não só de competências tecnológicas, mas também humanas e éticas e compreender a realidade paradoxal que se apresenta.

A economia, a mais avançada e sofisticada das ciências humanas, muitas vezes erra em suas previsões ao ensinar de maneira a privilegiar o cálculo e não considerar aspectos

humanos como o sentimento, a paixão, o desejo. Mas quando há um problema na bolsa e as ações despencam, aparece um fator irracional que é o pânico e faz com que o fator econômico tenha a ver com o humano (MORIN, 2000).

Maturana também apontou a emoção como importante elemento de nossa corporeidade:

[...] vivemos em uma cultura que desvaloriza as emoções e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção que constitui nosso viver humano e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional. As emoções não são o que chamamos constantemente de sentimentos. [...] Emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos (MATURANA, 2002, p.15).

A emoção é um dos componentes essenciais da ação pedagógica. Emoções geradas em diferentes espaços da vida social do aluno aparecem em sala de aula. Só uma antologia complexa, que perceba o ser humano em toda sua inteireza, será capaz de gerar campos operacionais adequados, que deem espaço para a criatividade, a alegria e resgatem o prazer em aprender.

Segundo Assmann (2007), precisa-se reencontrar a educação. O professor precisa ter um compromisso ético-político que o leve a colaborar para um clima de esperança e reflexão no contexto escolar. A mudança deve começar pelos docentes e o conceito de formação não pode vincular-se apenas aos aspectos da instrução. Formar é preparar para mudanças nas quatro dimensões do ser humano: conhecimento, habilidades, empenho na realização de tarefas e sentimentos.

As intervenções didáticas também precisam ser renovadas. E a inovação é feita por pessoas e as afeta; sua execução nunca será como o previsto, mas deverá adaptar-se aos sujeitos e às condições institucionais, compondo uma ação onde o determinismo não tem lugar, assumindo um sentido mais adaptativo. Ciurana (2005) observa que, se pensarmos na natureza humana como criativa e inventiva, não podemos pensar em determinar a história, porque uma contínua criação de sentido torna impossível a previsão.

## **2 A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA**

### **2.1 O CONTEXTO**

Segundo Maturana (2002), o comportamento humano é influenciado pelo contexto em que se situa e, nessa concepção, para entender o aluno é preciso entender as condições

contextuais em que se encontra. Uma escola não é o somatório de professores, alunos e administradores, mas um sistema organizacional com qualidades, mecanismos e fundamentos próprios, que interagem sobre indivíduos com características específicas, em trocas contínuas.

Em pesquisas de educação, o conhecimento dos alunos, da escola e da comunidade em que se situam facilita a implementação de uma estratégia sistêmica intencional e criativa. Assim, a escolha da instituição educacional para este estudo justifica-se pelo fato de uma das pesquisadoras conhecer bem seu projeto pedagógico, já que faz parte do quadro de professores dessa Instituição Pública como professora de Geografia. Trata-se de um Centro de Ensino Fundamental, pertencente à rede pública de Samambaia, cidade situada no entorno de Brasília/DF.

### **2.1.1 Samambaia: um pouco de Brasília**

A construção de Brasília, a capital federal, nos anos de 1950/60, incentivou a vinda de trabalhadores dos mais diversos lugares do país. As famílias dos pioneiros candangos, influenciadas pela perspectiva de uma vida melhor e pelas oportunidades oferecidas pela construção de Brasília, fixaram-se em núcleos ao redor da nova capital, que depois passaram a ser chamados de cidades satélites.

Samambaia é a cidade satélite onde está situada a escola pública escolhida para investigação. Nasceu com a intenção de abrigar o alto número de pessoas que migravam de outras partes do país e foi oficialmente criada com um planejamento urbano muito bom há mais ou menos 30 anos. Logo no início passou por um inchaço populacional com a chegada de famílias carentes que não tinham residência própria. As vias amplas estão totalmente asfaltadas, com boa rede de esgotos, metrô e hospitais públicos e privados.

Samambaia possui hoje cerca de 195.000 habitantes.

## **2.2 OS SUJEITOS**

O universo dos sujeitos da pesquisa é composto por 28 alunos da 7ª série do ensino fundamental, sendo 11 dos respondentes do sexo masculino e 17 do sexo feminino. Moradores de Samambaia, a idade dos participantes varia de 12 a 16 anos. O critério para a escolha dos participantes foi, tanto quanto possível, o da homogeneidade: mesmo *status* socioeconômico, idade, nível de escolaridade e mesma linguagem de uso, com diferenças

irrelevantes. Naquele momento, todos eram estudantes da mesma instituição, expondo as mesmas inquietações, fazendo os mesmo questionamentos, utilizando-se do mesmo instrumento de análise.

### 2.3 INSTRUMENTO

Considerando-se que o problema desta pesquisa é concernente a como transformar a educação sob o ponto de vista do aluno, buscando-se a percepção que ele tem da escola e dos professores, em um ambiente em que ele quase nunca é convidado a refletir sobre as estratégias didáticas de que é alvo, tomaram-se os cuidados éticos necessários, garantindo-se o sigilo e a opção do aluno em participar ou não da pesquisa.

Utilizou-se um questionário que incluía as seguintes questões abertas: 1) Como você vê a escola? Explique o seu pensamento a respeito da escola. 2) Como você percebe os professores da escola? 3) Como você definiria seu relacionamento com os professores? 4) Falta na escola alguma coisa agradável que ajude o aluno na aprendizagem? 5) Como você percebe a direção da escola? O item para avaliar se o aluno sente-se acolhido na escola pelos professores e pela direção foi respondido em uma das opções: sim ou não, realidade que pode ser interpretada também à luz do estudo quantitativo.

### 2.4 COLETA DOS DADOS

A aplicação dos questionários deu-se em horário de aula, sob orientação das próprias autoras, em sala especialmente reservada com o propósito de preservar o sigilo necessário. A adesão foi voluntária mediante convite das pesquisadoras nas turmas de 7ª série, após a informação de que não se tratava de uma pesquisa da escola, mas um trabalho escolar das autoras, valorizando a confiança no aluno e melhorando sua autoestima.

## 3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos dados tem como pano de fundo o argumento da descoberta da multiplicidade de fatores que envolvem a dificuldade do relacionamento professor-aluno. Neste capítulo serão analisadas as situações e falas que esclarecem a reação dos aprendizes

investigados diante da aplicação do questionário. O tipo de perguntas sugeriu respostas facilmente analisáveis e codificáveis.

Realizou-se uma análise crítica baseada na fundamentação teórica, conhecimento e experiência profissional construída até o momento. Para análise das respostas dos alunos ao questionário qualitativo, seguiu-se orientação de Laurence Bardin (2011), denominada Análise de Conteúdo, que consiste em encontrar pontos de coincidências nas verbalizações dos sujeitos, que ajudem a reinterpretá-las e a atingir uma compreensão aprofundada de seus significados. O questionário de caráter exploratório permite ao pesquisador desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos, de hipótese pesquisáveis em estudos posteriores e, logicamente, de sugestão de providências por parte da direção e professores para melhorar o ambiente educacional.

### 3.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Para apresentar os dados das questões abertas, criou-se categorias de conteúdos, reunindo as respostas semelhantes, organizando-as em uma Tabela.

TABELA 1

CATEGORIAS CRIADAS A PARTIR DAS PERGUNTAS E RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO	
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
Como o aluno vê a escola.	- Local de aprendizado. - Local harmonioso. - Local chato. - Desvalorizada.
Como percebe os professores.	- Desrespeitosos. - Não sabem explicar a matéria. - Pessoas especiais.
O que sugere para que a escola se torne	- Professores mais dinâmicos.

agradável.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Prática de esportes.</li> <li>- Mais conforto.</li> <li>- Mais liberdade.</li> <li>- Limpeza</li> </ul>
Como se relaciona com os professores.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não há relacionamento.</li> <li>- Com respeito.</li> </ul>
Como vê a direção	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rígida.</li> <li>- Ponto de ajuda.</li> </ul>

ELEMENTOS FORNECIDOS PELOS ALUNOS QUANTO À ESCOLA E QUANTO AOS  
PROFESSORES QUE DERAM ORIGEM ÀS SUBCATEGORIAS

SUBCATEGORIA: Escola local de aprendizado

ELEMENTOS:

- “Local de bom ensinamento”.
- “Local de aprender e fazer amigos”.
- “É melhor do que ficar em casa”.
- “Local para aprender a ter respeito ao próximo”.

SUBCATEGORIA: Escola local chato

ELEMENTOS:

- “Pouco divertida”.
- “Precisa melhorar”.
- “Chata em alguns aspectos”.

SUBCATEGORIA: Escola local harmonioso.

ELEMENTOS:

- “Ambiente família”.
- “Um local com harmonia”.
- “Legal devido ao espaço”.

SUBCATEGORIA: A escola está desvalorizada.

ELEMENTOS:

- “Boa, mas desvalorizada”.
- “Precisa de mais atenção”.
- “Suja”.

SUBCATEGORIA: Professores desrespeitosos.

ELEMENTOS:

- “Os professores têm de ser mais gentis”.
- “Arrogantes”.
- “Não respeitam”.
- “Não deveriam usar celular em sala”.
- “São estressados e descontam nos alunos”.
- “Não têm respeito por nós e querem que tenhamos por eles”.

SUBCATEGORIA: Professores que não sabem explicar a matéria.

ELEMENTOS:

- “Não ensinam nada”.
- “Muitos não sabem explicar a matéria”.
- “Alguns não sabem o que falam”.
- “Ignorantes”.

SUBCATEGORIA: Pessoas chatas

ELEMENTOS:

- “São chatos”.
- “Não gosto de uma professora. Ela é chata”.
- “São chatos. Precisam ser mais gentis”.

SUBCATEGORIA: Pessoas normais

ELEMENTOS:

- “Nem muito exigentes, nem muito livres”. (liberais).
- “Educados”.
- “Alguns bons”.

- “Têm professores excelentes”.
- “Pessoas especiais”.

## ELEMENTOS FORNECIDOS PELOS ALUNOS COMO SUGESTÃO PARA UMA ESCOLA MAIS AGRADÁVEL

SUBCATEGORIAS: Professores mais dinâmicos

ELEMENTOS:

- “Deviam fazer mais atividades práticas”.
- “Organizar passeios e gincanas”.
- “Levar-nos à praça e criar ginásio de futebol”.
- “Mais palestras, mais eventos”.
- “Professores mais divertidos”.
- “Matéria de acordo com a vivência”.
- “Queria que todos fossem como a professora... e como o professor...”

SUBCATEGORIA: Prática de esportes

ELEMENTOS:

- “Precisamos de mais Educação Física”.
- “Quadra de futebol”.

SUBCATEGORIA: Mais conforto

ELEMENTOS:

- “Abolir o uniforme ou deixá-lo mais bonito”.
- “Melhorar o lanche”.
- “Mais conforto nas cadeiras, mesas e quadro”.
- “Mais livros na Biblioteca”.
- “Música no intervalo”.
- “Mais lazer”.

SUBCATEGORIA: Mais liberdade

ELEMENTOS:

- “Permitir o uso de celular em sala”.

- “Internet livre, sem bloqueio de ‘sites’”.
- “Momentos para interagir com os colegas – intervalos maiores”.
- “Uso de aparelhos eletrônicos em sala”.
- “A metade da carga horária”.

SUBCATEGORIA: Limpeza

ELEMENTOS:

- “Banheiro mais limpo”.
- “Mais organização e limpeza”.
- “A escola é suja”.

#### ELEMENTOS FORNECIDOS PELOS ALUNOS QUANTO AO SEU RELACIONAMENTO COM OS PROFESSORES

SUBCATEGORIA: Não há relacionamento

ELEMENTOS:

- “Não nos entendemos”.
- “Eles não gostam de mim, pois eu converso”.
- “Só me dou bem com um”.

SUBCATEGORIA: Com respeito

ELEMENTOS:

- “Relaciono-me muito bem, com respeito”.
- “Só respeito se o professor me respeitar”.

#### ELEMENTOS FORNECIDOS PELOS ALUNOS SOBRE COMO VEEM A DIREÇÃO

SUBCATEGORIA: Rígida

ELEMENTOS:

- “É muito rígida”.
- “É um lugar tenso”.
- “Põe medo”.
- “Castiga”.
- “Injusta”.

SUBCATEGORIA: Ponto de ajuda

ELEMENTOS:

- “Ela é um ponto de ajuda”.
- “Ajuda quando precisamos”.
- “Melhor é impossível”.

Na parte quantitativa da pesquisa, referente ao acolhimento pela direção, dos vinte e oito (28) alunos participantes da pesquisa, dezessete (17) não se sentem acolhidos; nove (9) responderam que se sentem acolhidos e dois (2) não responderam. Quanto ao sentir-se acolhidos pelos professores, quatorze (14) não se sentem acolhidos; e quatorze (14) sentem-se acolhidos.

#### **4 DISCUSSÃO**

Fez-se necessário extrair dos questionários o pensamento individual dos vinte e oito (28) participantes, pois é isso que importa para atingir o objetivo da pesquisa. As categorias que emergiram dos dados indicam a necessidade de construção de inovações na escola, algumas profundas e outras pontuais. Já nas primeiras respostas dos alunos sobre como eles veem a escola: *Pouco divertida, Chata em alguns aspectos*, percebe-se que as condições para melhorar não custam dinheiro, apenas exigem uma nova forma de pensar. O grupo de alunos apresentou necessidades e sentimentos contraditórios: *Local de aprender e fazer amigos, Boa mas desvalorizada, Precisa melhorar*. O professor precisa dialogar com as diferenças, mesmo que esse diálogo envolva conflitos. Há necessidade de medidas pedagógicas especiais, contando com o envolvimento de todos os professores, que não podem acomodar-se, precisam estar sempre abertos a mudanças na maneira de atuar.

Quanto à percepção que têm dos professores, os alunos falaram: *Os professores têm de ser mais gentis, São estressados e descontam nos alunos*. Maturana (2002) diz que as interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência. As manifestações afetivas e emocionais favorecem o alcance dos objetivos de ensino; ao transformar as relações entre as pessoas no contexto educativo, transformam a relação dessas com o conhecimento. Há queixas de alunos quanto ao respeito mútuo: *Não têm respeito por nós e querem que tenhamos por eles, São chatos, Precisam ser mais gentis*. Maturana (2002) diz que devemos educar de modo que o

sujeito aprenda a respeitar-se, do contrário, não aprenderá a aceitar e respeitar o outro: irá temê-lo ou depreciá-lo.

Para o aluno que diz querer ser respeitado, é importante que o professor ouça sua opinião, permita que ele se expresse. A estratégia de permitir ao aluno que pergunte e opine acelera o aprendizado e cria um elo extremamente positivo em relação ao professor, fazendo com que esse docente não seja esquecido, pois valorizou o aluno e deu-lhe autonomia, incentivada nas aulas quando os professores criam mecanismos de participação dos estudantes, discutem o Plano de Ensino e dividem a responsabilidade por sua execução e avaliação.

Quanto às sugestões para uma escola mais agradável, *Deviam fazer mais atividades práticas, Mais palestras, mais eventos*, é possível afirmar que os docentes devem recorrer a métodos e técnicas de ensino que pressupõem: escrita de textos, leituras prévias, problematizações, perguntas instigadoras, debate, pesquisa, articulação na aula com as práticas de laboratório, entre outros. A qualidade da aprendizagem escolar vai depender muito do modo como o trabalho educativo é desenvolvido dentro da escola. Os conteúdos devem ser desenvolvidos de forma diferenciada, prazerosa e lúdica, num processo que promove a ruptura com a exclusividade da aula expositiva. Foi sugerida, pelos alunos, a permissão para uso de celular durante a aula; ao mesmo tempo, houve, por parte, observações para que o professor não use celular em sala. Há um aspecto conflitivo nos direitos, deveres e postura de cada um.

Com referência ao relacionamento aluno-professor, segundo os alunos, *Eles não gostam de mim porque eu converso*, a valorização da fala do aluno ajuda-o a ter segurança para expressar-se fora da sala de aula, em outras instâncias sociais. O diálogo argumentativo durante as aulas possibilita a professores e alunos serem reconhecidos pelos outros como sujeitos de argumentação com capacidade de criação, produção, reflexão e criticidade (PERRENOUD, 2000). A prática dialógica, ao mesmo tempo em que favorece a compreensão e a aproximação dos sujeitos que fazem a aula, promove o confronto de ideias, teorias, regras e técnicas, transformando o ensinar e o aprender numa experiência comunicativa, argumentativa, questionadora e com o rigor necessário à aula democrática. A aula deve ser incomodativa, incentivar a leitura, o refletir, propor outras formas de conhecer que rompam com o mecânico e autoritário ensino em que o professor domina o discurso e os alunos o reproduzem.

Outra queixa dos alunos é a falta de dinamismo das atividades dos professores: *Organizar passeios e gincanas, Levar-nos à praça e Criar ginásio de futebol*. Dinâmicas de grupo, por exemplo, são desafiadoras, sempre se incentivando o rodízio de componentes para uma maior interação entre a classe, fazendo com que todos se conheçam, façam trocas com o meio e aprendam a ser cooperativos. As atividades grupais fazem com que uns eduquem os outros, construindo o conhecimento na interação entre eles. Podem ser exploradas indefinidamente de uma forma alegre e descontraída, transformando o processo de aprendizagem num autêntico processo de “co+operação” (operação em conjunto de vários sujeitos). O professor pode ajudar a organizar os grupos, mas deve deixar que os alunos criem as regras de convivência. A pedagogia de Piaget diz que o professor deve comportar-se como um técnico de futebol: estimular, sugerir, criticar, mas não jogar – o jogo é dos alunos. Além disso, o que se aprende com alegria aprende-se melhor.

Os alunos pedem que os conteúdos oferecidos tenham a ver com suas vidas: *Matéria de acordo com a vivência*. O aluno precisa alimentar-se da informação para tornar-se autônomo. Porém, o conhecimento de nada vale se não tiver significado para a sua vida. O professor que consegue sair do intelectualismo, traduzindo conceitos complexos para a realidade próxima do aluno, imprimindo à aula uma dinâmica própria e motivadora a partir de problemas históricos reais, concretos, conduzindo os estudantes a uma leitura mais globalizada da realidade, faz com que ele se sinta valorizado e comprometido com a disciplina. É o processo de “encantamento”, o qual está sempre ligado à paixão do professor pelo que faz (PERRENOUD, 2000). O professor deve proporcionar o desenvolvimento da habilidade de reflexão dos alunos diante dos fatos sociais e fazer com que utilizem o conhecimento adquirido para participar efetivamente da sociedade. Isso implica relacionar o conteúdo com o que os alunos já conhecem sobre o contexto.

Muitos alunos declaram que professores *são chatos*. Dentre as estratégias que contextualizam e permitem aprendizagens significativas, faz parte a daquele profissional que alia o domínio seguro de sua disciplina com o humor, criando empatia. Utilizar o nome dos alunos nas questões de avaliação, por exemplo, fará com que o aluno se sinta valorizado, “visto”.

Na terceira pergunta: O que precisa para que a escola torne-se agradável? houve um diagnóstico claro, objetivo: professores mais dinâmicos, esportes, conforto, liberdade e limpeza. Torre e Barrios (2002) dizem que o docente é um formador criativo que facilita o desenvolvimento de todas as potencialidades humanas, isto é, um criador de situações,

contextos e ambientes estimuladores. Do contrário, a escola vai na contramão das empresas modernas e inteligentes, que buscam criar climas acolhedores para que a produtividade aumente na medida em que aumenta o prazer de aprender e de criar.

Segundo Moraes (2008), para transformar a educação faz-se necessário criar um ambiente escolar onde professores, gestores e alunos criem espaços de convivência agradável, emocionalmente sadio, com amizade recíproca, sabendo que todos são seres humanos passíveis de erros e acertos e que um é complemento do outro e que pensamentos e emoções fazem parte do indivíduo como um todo.

Para Freire e Shor (2008), a ética deve ser o princípio fundamental das relações sociais. A relação ética é percebida no reconhecimento pelos professores e alunos como sujeitos iguais; na criação de situações que oportunizem a todos a deliberação e decisão sobre os rumos do trabalho pedagógico; na condição que professores e estudantes têm de se assumir como autores das ações, avaliando as consequências das escolhas; pela liberdade para fazer escolhas individuais e coletivas.

Quanto à liberdade, mesmo quando o professor tiver de tomar atitudes aparentemente autoritárias, deve saber diferenciar autoridade de autoritarismo. É a autoridade do professor que modela a liberdade dos alunos. Ao impor os limites necessários à liberdade, o professor dá segurança à dependência que os alunos têm de um suporte emocional para que ousem conduzir o barco na direção que pretendem (FREIRE, 2011).

A relação pedagógica horizontalizada na aula conduz à formação acadêmica e profissional humanizada e ética. Não pode contribuir para transformar as relações sociais e de trabalho individualistas e competitivas, características da sociedade capitalista e que estão ligadas de forma legítima a estruturas de poder (FREIRE, 2006).

Há queixas quanto ao rigor da Diretora, rigor este legítimo e necessário. Por outro lado, há elogios e reconhecimento quanto a sua disposição em ajudar. A sociedade carece de humanização, solidariedade e compreensão com cada um.

A equipe gestora das escolas públicas do Distrito Federal é escolhida por eleição, como uma opção para as escolas democratizarem seu funcionamento administrativo e pedagógico. O Projeto de Gestão Compartilhada compõe-se de três etapas: primeiro, é inscrita uma chapa para a escolha do Diretor e Vice-Diretor; depois, há uma prova de títulos e prova escrita e, por último, acontece a eleição. Os eleitores são funcionários, professores e as Comissões de pais e alunos de cada escola.

## 5 CONCLUSÃO

A visão do aluno sobre o professor e a escola ficou distante da construção de relações autênticas, construtivas, com vínculos. Precisa-se de mudanças não só quanto ao conhecimento e à aprendizagem, mas também em relação aos valores, hábitos, maneira de pensar, de sentir e de compreender. A educação deve ser voltada para a justiça, para a ética e para a solidariedade, conduzindo o aluno não só ao desenvolvimento das habilidades cognitivas, mas também para a escuta do sentimento, para a justiça e a paz social.

Para mudar a situação vigente, o professor precisa comprometer-se a colaborar para um clima esperançoso, reflexivo e criativo no contexto escolar. A mudança deve começar pela formação dos docentes; e o conceito de formação, hoje, não pode ficar vinculado apenas aos aspectos relacionados à instrução. Não há aprendizado quando existe no ambiente escolar uma competição, uma falta de interação entre educadores e educandos. Quando o professor instaura como prática a valorização dos alunos e a alegria de estar com eles, permite, num processo retroativo, que suas emoções positivas alimentem os alunos, os quais, por sua vez, também lhe darão o *feedback* necessário para continuar seguro de sua ação.

Recursos didáticos adequados é outro ponto sensível e grande parte das escolas públicas não conta com eles. Os recursos disponíveis são os de sempre: professores fazem cópias de texto ou passam matéria no quadro, em total descompasso com a tecnologia básica, que tanto atrai os alunos e facilita o trabalho do professor.

O resultado da investigação foi relevante para nós que lidamos com jovens. Fez-nos entender o homem como um ser inconcluso, perceber a importância de nosso papel como educadoras, enriqueceu nosso discurso e nossa prática. E de maior relevância ainda é esta pesquisa para os professores e a direção desse Centro Educacional Fundamental de Samambaia, ao ver que nas relações sujeito/objeto, o papel do docente não é apenas o de executor de currículo, mas de investigador – inovador dentro do contexto da aula. A consciência disso pressupõe inovação.

## REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

- CIURANA, Emílio. *Complejidad: elementos para una definición*. Argentina, 2005. Disponível em: < [http://www. Pensamientocomplejo.com.ar/docs/files/ciurana](http://www.Pensamientocomplejo.com.ar/docs/files/ciurana)> Acesso em 02.06.2013.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: o cotidiano do professor*. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- MORAES, M. Cândida. *Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação*. São Paulo: Editora Antakarana, 2008.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez. Brasília: UNESCO, 2000.
- PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- TORRE, S; BARRIOS, O. *Curso de formação para educadores*. São Paulo: Madras, 2002.